**EXPERIÊNCIA DE VIVÊNCIA NA VILA DE MAIAUATÁ, DISTRITO DE IGARAPÉ MIRI – PA**

Bruna Caroline Silva de Sousa1; Martha Luana Marques de Souza2; Denner Silva de Sousa3; Célia Maria Costa Guimarães4.

1 Graduanda do Curso de Bacharelado em Agronomia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Castanhal, PA, [brunacaroline.ph@hotmail.com](mailto:brunacaroline.ph@hotmail.com).

2 Graduanda do Curso de Bacharelado em Agronomia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Castanhal, PA, [martha.agronomia@gmail.com.br](mailto:martha.agronomia@gmail.com.br).

3 Graduando do Curso de Licenciatura em Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Castanhal, PA, [dennersilva2009@hotmail.com](mailto:dennersilva2009@hotmail.com).

4 Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Castanhal, PA, celia.guimaraes@ifpa.edu.br.

**RESUMO**

O estágio supervisionado proporciona ao aluno a oportunidade de aplicar seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, criando a possibilidade do exercício de suas habilidades. Neste sentido o trabalho relata a vivência na realidade da família Gomes, procurando compreender a família e sistema produtivo. Os habitantes da várzea (conhecidos como ribeirinhos) ocupam a região há várias gerações. Ao longo do tempo, os ribeirinhos desenvolveram sistemas de manejo adaptados às condições ambientais locais. O sistema de produção fundamentado na agricultura, pesca e extrativismo é a base da reprodução das famílias que habitam as margens dos rios e igarapés da Amazônia. Com o reflexo da vivência verifica-se que os agricultores optam pelo manejo e a utilização das boas práticas da produção do açaí que estão voltadas para o processo de produção, beneficiamento e melhoria da qualidade, visando favorecer a produção dos frutos por meio de uma utilização equilibrada, retirando apenas uma parte dos frutos, para que a outra fique para garantir as produções futuras. Para garantir a manutenção do meio ambiente, a comunidade ribeirinha criou uma organização de preservação à natureza, para que as famílias tenham a consciência de não desmatar nas beiradas dos rios, para não causar a erosão nas beiradas.

**Palavras-chave:** Extrativismo. Ribeirinhos. Preservação.

**Área de Interesse do Simpósio**: Agronomia

**1. INTRODUÇÃO**

* 1. A agricultura na Amazônia é baseada, em sua maioria, na unidade de produção assentada na força de trabalho familiar, com a participação dos filhos, esposa e geralmente algum agregado familiar. As atividades são realizadas nos ambientes agrícolas, florestais, mananciais terrestres e aquáticos, combinando a agricultura ao extrativismo vegetal e animal. A unidade e o trabalho são organizados pela família, podendo contar, por vezes, com a participação de parentes ou vizinhos de outra localidade (LAMARCHE, 1998).

Segundo Cardoso et al., (2007), o Território do Baixo Tocantins é composto por áreas de várzea (ilhas) e terras firmes, caracterizadas por uma extensa relação da população com o meio natural. Sua população reside em área de várzea, sob o modo de vida ribeirinho, dependente da acessibilidade fluvial, da pesca, do extrativismo e da agricultura familiar.

Os habitantes da várzea (conhecidos como ribeirinhos) ocupam a região há várias gerações. Ao longo do tempo, os ribeirinhos desenvolveram sistemas de manejo adaptados às condições ambientais locais. Desde o início da ocupação luso-brasileira, vários recursos naturais foram explorados, como por exemplo, o cacau, os quelônios, a borracha, as peles de animais silvestres (como o jacaré e a capivara), a madeira, a pesca e a agricultura familiar (VIEIRA, 1992).

O objetivo deste trabalho é relatar a vivência da realidade da família Gomes, procurando compreender a família e sistema produtivo. Nesse sentido, o estágio supervisionado proporciona ao aluno a oportunidade de aplicar seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, criando a possibilidade do exercício de suas habilidades.

**2. METODOLOGIA**

Este relato de experiência refere-se a vivência realizada na propriedade do Sr. Mauro Gomes, localizada sobre as margens do rio conhecido como Mamangal que pertence à Vila de Maiauatá que é sede do 2º distrito de Igarapé-Mirí e fica a 17 km do centro do município de Igarapé-Mirí seguindo pela PA 407, localizada na confluência do rio Meruú-Açú e do rio Maiauatá que dá nome à Vila. Em decorrência do estágio supervisionado de imersão no meio rural do curso de agronomia do IFPA – Campus Castanhal.

O período em que o espaço de formação foi realizado compreendeu aos dias 09 à 17 de dezembro. Para melhor compreensão do funcionamento e da dinâmica dos estabelecimentos agrícolas, foi utilizado o método de observação direta em que o sistema família-estabelecimento foi estudado e analisado através da situação vivenciada através do período de imersão no meio.

1. No dia 09 de dezembro de 2014, chegou-se na propriedade do Sr. Mauro, onde se realizou inicialmente, uma breve reunião com a família, onde foram apresentados os membros da família e o funcionamento das atividades. Neste momento foi possível ter a experiência de acompanhar o dia-a-dia da família, a partir da realização de atividades, sendo que o principal cultivo da família é o açaí (*Euterpe oleraceae*).
2. A principal atividade econômica da região é o cultivo do açaí, sendo esta a principal atividade geradora de renda para a maioria da população, onde na época da safra (agosto a dezembro), há um giro na movimentação financeira, pois na época da entressafra as comunidades passam por dificuldades financeiras, pois é na época do inverno que acontecem as grandes cheias dos rios (lançantes), inviabilizando atividades como a pesca e produção agrícola sustentável (OLIVEIRA; et al, 2007).
3. José Maurício, Alessandro e Leonardo, filhos do Sr. Mauro, são responsáveis pela colheita e debulha do açaí. A colheita dos cachos de açaí é feita pela manhã, para evitar perda excessiva de água e fermentação dos frutos, por meio do método tradicional de subida na palmeira, por meio de cinto denominado com peconha, e é feita pelos próprios filhos do Sr. Mauro, a partir da folha verde do açaizeiro ou de saco de fibras (saco de cebola). Então se faz a retirada do cacho com o auxílio de uma faca, amarrada na cintura, e depois desce escorregando pelo tronco.
4. Após a colheita e debulha manual dos frutos dos açaizeiros, estes são acondicionados em cestos feitos com fibras vegetais, ou paneiros, confeccionados com fibras de jacitara (*Desmoncus polyacanthus* Mart.) ou de guarumã (*Ischinasiphon obliquus* (Rud.) Koern.), com capacidade para comportar 14 ou 28 kg de frutos.
5. Enquanto é feita a colheita do açaí pela manhã, a esposa do Sr. Mauro, dona Maria de Jesus mais conhecida na Vila como dona Dedê, faz os afazeres domésticos. Após o almoço a família aproveita para descansar, exceto dois filhos deles (Alessandro e Leonardo), pois irão para a escola, nos dias de segunda-feira à sexta-feira. E dona Dedê cursa o Ensino Médio em alguns dias à tarde.

A ideia da sustentabilidade na concepção e prática dos ribeirinhos pode ser compreendida se percebermos o tempo que estes já vêm se relacionando com a natureza e a forma como desenvolvem esta relação (OLIVEIRA, et al, 2007).

Por fim, no dia 17 de dezembro foi realizada uma reunião com os discentes e as famílias na associação do projeto mutirão para socializar os resultados da vivência e agradecer as famílias pela grande contribuição na vida profissional dos discentes, fortalecendo o lanço entre os ribeirinhos e a instituição.

**3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A origem da constituição da família teve início no município de Igarapé-Mirí, Sr. Mauro e sua esposa casaram-se em 1984. Sr. Mauro e família sempre moraram as margens do rio pertencentes à Vila de Maiauatá. Eles têm cinco filhos, sendo duas filhas que moram na Vila de Maiauatá, dois filhos adotivos (Alessandro e Leonardo) e José Maurício que moram na propriedade.

A filha mais velha mora na Vila Maiauatá e possuí dois filhos pequenos. Jaqueline Gomes também filha do casal mora e trabalha na área de comércio na Vila de Maiauatá. José Maurício concluiu o Ensino Médio e trabalha na propriedade do pai, como apanhador de açaí. Alessandro e Leonardo são os filhos que dona Dedê e seu Mauro criam, pois sua família legitima não tinham condição de criar. Os dois cursam o Ensino Fundamental no período da tarde, e eles também são apanhadores de açaí e ajudam o José Maurício de manhã.

Uma das características comuns das famílias ribeirinhas é o fato de o abastecimento doméstico de água ser feito diretamente dos rios, cujas condições sanitárias pioram no inverno e melhoram no verão, ficando o rio mais limpo com a descida das águas. A falta de tratamento da água e do esgoto é equivalente para os diferentes estratos de renda, daqueles que nada possuem e os que podem comprar eletrodomésticos e móveis. A forma mais comum dessas famílias e de tratar a água, misturar compostos à base de cloro, separando em tonéis a que vai ser bebida, a que será utilizada no preparo dos alimentos e a da higiene e lavagem das roupas.

O sistema de produção fundamentado na agricultura pesca e extrativismo é a base da reprodução das famílias que habitam as margens dos rios e igarapés da Amazônia. Estes variam em função de aspectos culturais, relações sociais e econômicas e especificidades do ambiente, se confundindo muitas vezes com a própria identidade dos habitantes destas áreas, denominados como ribeirinhos (LITLE, 2002). É a partir deles que se estabelece a relação do homem com a terra, e o desdobramento das atividades produtivas informa os modos de vida e de certa forma a dinâmica ecossistêmica de uma localidade.

Segundo relato do Sr. Mauro “*há uns anos atrás, vieram uns técnicos da Emater nos orientar a deixar três açaizeiros por touceira para melhorar a produção, mais não foi isso que aconteceu, isso me gerou prejuízos, essa área não produz mais, como produzia antes deles chegarem*”, ou seja, a prática de desbaste, que visa eliminar o excesso de estipes, deixando de três a quatro em cada touceira, sendo eliminados aqueles muito altos, finos, velhos e defeituosos ou que apresentem pouca produção de frutos.

Essa prática é realizada na entressafra, que na região vai de fevereiro a abril, com aproveitamento dos palmitos e também das estirpes mais lignificadas para confecção de assoalhos, estivas, curral de porcos, sanitários entre outros usos.

Segundo Oliveira et al, (2007), percebeu-se que o açaí é de importância incalculável para renda da família ribeirinha, a pesca e o matapí e outros frutos que tem na propriedade são para o consumo da família e para a região, em virtude de sua utilização constante por grande parte da população (principalmente ribeirinhos) e da grande demanda para exportação.

**4. CONCLUSÃO**

Com o reflexo da vivência verifica-se que os agricultores optam pelo manejo e a utilização das boas práticas da produção do açaí que estão voltadas, principalmente, para o processo de produção, beneficiamento e melhoria da qualidade, visando favorecer a produção dos frutos por meio de uma utilização equilibrada, ou seja, retirando apenas uma parte dos frutos, para que a outra fique para garantir as produções futuras.

Para garantir a manutenção do meio ambiente, a comunidade ribeirinha criou uma Organização de Preservação à Natureza, para que as famílias tenham a consciência de não desmatar nas beiradas dos rios, para não causar a erosão nas beiradas.

O estágio supervisionado de imersão no meio rural contribui para a aquisição da prática profissional, pois durante esse período os discentes tiveram a compreensão de todo o conhecimento teórico que adquiriu durante a graduação. Além disso, o discente aprende a resolver problemas e passa a entender a grande importância que tem o agrônomo no agroextrativismo nas comunidades ribeirinhas.

**REFERÊNCIAS**

CARDOSO, A. C.; et al. **Planos diretores no Tucupi: a experiência de elaboração de planos diretores na região do Baixo Tocantins, estado do Pará**. In. Planos diretores participativos: experiências amazônicas. Belém: EDUFPA, 2007.

LAMARCHE, H. (Coord.). **A agricultura familiar: do mito à realidade**. Campinas: UNICAMP, 1998.

LITLE, P.E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia, Brasília, n. 322, p. 1-32, 2002.

OLIVEIRA, E. A. G.; PORTILHO, E. S.; MENEZES, N. S.; GOMES, B. T. F.; BATISTA, W. C. F.; SAITER, O. **Ribeirinhos da Amazônia: um relato da vivência no município de Igarapé Miri-Pará**. Rev. Bras. de Agroecologia/out. 2007 Vol.2 N.2.

VIEIRA, R. S. **Várzeas amazônicas e a legislação ambiental brasileira**. Manaus: IBAMA/INPA, 1992. 39p